



Gaivato

Quinzenário • 26 de Janeiro de 2013 • Ano LXIX • N.º 1797 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

HÁ muito que desejava ter um convidado especial à nossa mesa na Ceia de Natal — um Pobre. Este Natal que passou, o meu desejo foi satisfeito.

Ainda a tarde desse dia, de véspera de Natal, ia a meio, eis que veio ao meu encontro um homem, de meia idade, pedir para cear connosco, pois não tinha com quem passar o Natal. Pois sim, podia, claro.

Estava prevista a celebração da Missa do Galo, como é hábito nessa noite, mas por não termos o programa dela devidamente preenchido e organizado, passou para o dia a celebração do Nascimento de Deus Criança, Homem pleno, a cuja estatura todos nos almejamos erguer.

À Missa da tarde, tive um concelebrante não ministro ordenado, mas uma presença real de um eleito do Menino que nasceu — aquele Pobre.

Sentou-se, depois, à mesa connosco, no meio desta comunidade onde o Menino habita, cuja presença é sempre tão discreta que nem por Ele se dá, tal como foi a deste Pobre que nos visitou.

Depois, fomos tomar café ao nosso bar. O acolhimento com que o recebemos, correspondeu à graça que nos foi retribuída pela sua presença.

Por fim, antes de ir embora, deixou-nos um pedido: Quando tivermos algum trabalho que ele possa e saiba fazer, que o chamemos; os biscatos que lhe aparecem são poucos. Certamente que sim, havemos de dar sinal de vida. Dar a ganhar o pão. Esta é uma necessidade que não pode ser regateada e, se o for, será sinal da injustiça em que os homens vivem e socialmente se organizam.

Correm dias em que se mendiga trabalho e também em que muitos que trabalham mendigam — «o trabalho a mendigar» — na expressão já usada por Pai Américo.

Não falta quem acuse esta sociedade e a sua organização, geradora de hábitos de fuga ao trabalho, por um lado, e de não dar a oportunidade de o exercer em proveito próprio e comunitário, por outro.

As nossas Casas, em Portugal e em África, além de darem o pão e a educação a cada Rapaz, para que tenha a oportunidade de se fazer um Homem, dá também o trabalho a muitas pessoas, pobres por condição, para que possam ganhar o pão dignamente e ajudarem as suas famílias. Mas, apesar de tudo o que fazemos, somos preteridos pelos poderes públicos, que preferem dar a outros a mão e os meios, de mão-beijada, recusando ainda a nossa participação na ajuda aos pobres e aos seus filhos, o que sempre fazemos num puro desinteresse material e humano, unicamente impelidos pela Caridade a que Deus nos chama na Pobreza daqueles com quem nos cruzamos na vida. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Não se sabe por designios de quem, uma grande parte da Humanidade fica sem talher à mesa e leva a vida a gemer, a tossir e a esperar. O conhecimento desta verdade tem levado os homens de todos os tempos a inventar sistemas e doutrinas que formam classes em vez de unir corações. Nós, não. A Caridade não chama ninguém a contas, porque benigna; «tudo desculpa, tudo espera e tudo sofre». Não forja sistemas nem prega doutrinas; ela vai, contra os seus próprios interesses, cuidar dos interesses dos mais.

in *Pão dos Pobres*, 3.º Vol.



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

A dor dos Pobres é, neste mundo, o meu maior tormento.

Não sei onde isto vai parar ou mesmo se acabará, mas sem ser pessimista, antevejo um futuro muito sombrio. O trabalho é tão necessário à Humanidade como a comida. Daqui a palavra da *Sabedoria*: «Quem não quer trabalhar também não coma».

Alterar a lei natural foi sempre a tendência do homem no sonho infantil de saber mais que Deus!

Educar para o trabalho é tarefa ingente, difícil e, normalmente, repugnante. Ninguém a toma.

Durante quantos anos, com campanhas bem orquestradas se confundiu o trabalho infantil explorado, com a educação infantil para o trabalho? Não. O menino só tem que ir à Escola. Não deve fazer mais nada. Não pode aspirar a casa, pôr a mesa, ajudar a mãe na cozinha ou cuidar dos irmãos, lavar a loiça ou mesmo colaborar com o pai em qualquer tarefa necessária à família ou ao ofício daquele. O menino ou a menina só têm que ir à Escola e mais nada!

Uma autêntica educação para a burguesia mais refinada!

Quando os Pobres são educados desta maneira, que será deles o amanhã? Quem os irá instruir no trabalho, agora, já adultos? Sim quem irá, se eles nunca adquiriram nem hábitos nem gosto pelo trabalho? Este faz *má cabelo*, diz o povo. Quem não se habituou a trabalhar em pequeno, dificilmente, em adulto dará um bom trabalhador.

Esta horrível situação de falta de trabalho ainda mais encoraja os preguiçosos a viverem encostados aos outros — e sempre com uma desculpa credível: «**não tenho trabalho**».

Mobilamos a casa de uma família que, saindo da companhia paterna, foi viver para um andar alugado pela Câmara. Os móveis foram-se levando à medida que os arranjámos. Demos-lhe tinta para pintarem as paredes interiores das divisões e fomos acompanhando o evoluir, quer na colocação da mobília, quer da limpeza e asseio da casa. Ficamos bem impressionados e os Rapazes não me largavam: «*Era bom que fosse ver. Olhe que é gente que colabora e vai-se consolar*».

Moçambique

ESTAMOS num começo de ano. O passado ficou para a história desta Casa. Um ano de sacrifícios, ansiedades e alívio, também. O nosso pequeno, mas grande mundo, foi abalado, sacudido, sangrado até quase à exaustão. Cada dia terminava connosco a rezar, a pensar no amanhã. Como será, virão ajudas?

O alerta tinha sido dado. A crise, nesta Casa, iniciou com a desvalorização da moeda, a perda da água da conduta. Fazíamos abundantes colheitas de milho, soja, girassol e feijão. Mais de trezentas cabeças de gado. Reduzimos para sessenta. Foram-se as vacas leiteiras, também. Trabalhadores reduzidos para um quarto. Encargos com o despedimento, muito avultados. Ainda devemos. Sem óleo de soja e o resíduo que substituíamos a carne. Idem, de girassol com farelo para rações. Feijão que dava para as mil e quatrocentas crianças das Creches — e ainda vendíamos. Milho para alimentação do gado, todo o ano. Vivíamos no equilíbrio.

Os nossos amigos visitantes viam paredes bonitas, meninos bem alimentados. Até um pensava que não precisávamos de ajudas. Tinha ido à África do Sul pedir nas Igrejas. Não fui, como há anos, com nosso Manuel Pedreiro. No entanto, as pessoas abriram-se; não foi muito para o muito que lá devemos. Depois, foi na Igreja da Polana. Coração aberto do Pároco franciscano. Não esperava tanto e, depois, já veio mais e ficou uma fonte a jorrar. Andei pela cidade, empresas amigas onde compramos. Voltei muitas vezes e fui recebendo. Alguns dão todos os meses, outros deram logo para um ano. Um amigo, depois de me confidenciar que na imobiliária lhe roubaram vinte milhões de USD, disse vou buscar o livro de cheques. Escreveu vinte mil, agradeceu pensando em Meticais, mas acrescentou: «*olhe que são dólares*». Foi a maior ajuda. De Bancos, cansei-me de subir escadas. Veio o recado de fazer uma carta à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Não surgiu logo a resposta, mas veio de cinquenta mil verdinhas como se diz aqui. É claro que não chegamos a ver a cor do dinheiro. Porque mal vem, logo vai. Até por causa disso tivemos um arrepio do Banco, por oito cheques sem cobertura. Foi

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

CONFERÊNCIA SOBRE PAI AMÉRICO — Registamos, nesta coluna, a extraordinária conferência que o Sr. D. António Marcelino, Bispo de Aveiro Emérito, fez, no dia 11 de Janeiro, pelas 21.00h, no salão da Igreja Paroquial de S. José, em Coimbra, cujo acolhimento agradecemos. Embora a noite estivesse muito chuvosa, chegou bem cedo. Enquanto se foi compondo uma razoável assembleia, ouviram-se gravações sonoras de Pai Américo. Depois, foi muito bem apresentado pelo Dr. Henrique Manuel, da Escola das Artes — Porto, da Universidade Católica Portuguesa. Ao longo da palestra, o Prof. Paulo Sousa foi projectando imagens de Pai Américo e da Obra da Rua. A palestra foi intitulada de *Padre Américo — Precursor do Vaticano II: A sua leitura dos sinais dos tempos*. A dado passo afirmou: “A primeira Casa do Gaiato, aberta em Miranda do Corvo, não é obra de um acaso ou de uma emoção repentina. Muitos passos foram dados até lá chegar. Muitas misérias lhe passaram pelas mãos e pelo coração a clamarem amor e resposta. A muitos desabafos e dores deu ele atenção e lugar na sua vida”. Mais ainda: “Ele foi realmente alguém que voltou às origens do Cristianismo, à vida das primitivas comunidades cristãs, ao propósito de tornar o amor do Pai visível e efectivo”. Entre outros, o nosso Padre Júlio falou das actuais dificuldades impostas pelo Estado. Os Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo entregaram uma foto encaixilhada do nosso Pai Américo; e cantaram com alegria o Hino da nossa Casa. Para concluir, houve uma pequena merenda. Fechou-se assim esta boa noite em que se fez memória dos 125 anos do seu nascimento. Fica aqui a nossa profunda gratidão, pois valeu mesmo a pena!

EPIFANIA — A 6 de Janeiro, participámos na Eucaristia, às 10.00h, na nossa Capela, celebrando a Manifestação do Senhor. De tarde, deslocamo-nos ao salão paroquial da Igreja de S. José — Coimbra, para uma festa das Catequeses dessa comunidade, em que assistimos a belas encenações de Natal. Depois, apresentámos algumas danças. Os pais e mães das crianças e adolescentes, com as/os catequistas, conseguiram um bom cabaz de bens alimentares para a nossa Casa, apresentado pelo Sr. Padre João Castelhana. Bem-hajam!

AGROPECUÁRIA — Neste tempo mais frio, tem-se continuado as podas das árvores e dos arbustos. O nosso grande couval vai-nos dando boas couves para a sopa. Começou-se a sementeira da aveia, nas terras do *poço novo* e dos *grilos*, para produzir palha; mas entretanto choveu.

DESPORTO — É bem evidente que a malta gosta de jogar futebol. Temos algumas condições para a sua prática, no campo grande e no rínque, onde jogamos mais nas horas vagas. O Sr. João Aurélio, antigo gaiato, tem vindo a orientar um grupo de Rapazes mais crescidos, na preparação física e Futsal. □

MÃE DE DEUS, MÃE DOS POBRES

Padre João

AS festas natalícias estão a chegar ao seu «termo». É de olhos fixos em Maria que «encerram» estas festividades intensas — não nos percamos nós nos labirintos da vida de um ano que se avizinha difícil.

Maria, Mãe de Deus e da Humanidade, é também, Mãe dos Pobres; Ela, a «Filha de Sião», teve a experiência de uma vida difícil; de um chamamento tão alto como vertiginoso. Sua vida marcada, sem dúvida, pelo carinho de Ana e de Joaquim, santos anciãos de Israel, seguiu o itinerário dos grandes do seu Povo — ao fulgor da fé abraâmica, que encontra no despojamento de si mesmo, na escuta e na fidelidade à Palavra, sustento e suporte.

A vida de Maria, tal como no-la apresentam as grandes lições e mistérios do Natal, bem pode assemelhar-se à de tantas mulheres anónimas de todos os tempos e sociedades, quando confrontadas com decisões pessoais e familiares difíceis.

Mãe «especial», de um Filho também Ele «especial», querido e amado por Deus em ordem ao maior bem da Humanidade, alguma vez desejado: a Redenção.

Mãe dos Pobres, daqueles que fazem a experiência da dependência radical de Deus; Serva do Senhor que se esvaziou de tudo, para que a sua única riqueza fosse o «tudo» que Deus É. Assim Jesus pôde tornar-Se Carne Redentora para salvação da Humanidade.

Confrontada com a experiência de pobreza em Nazaré, não lhe foi difícil aceitar o despojamento de Belém e a dura e misteriosa caminhada até ao Calvário, num silêncio pungente mas cheio de fecundidade. Dele haveria de nascer uma multidão para seu Filho Jesus — o Salvador.

Mãe dos Pobres de Israel; Mãe dos Pobres do nosso tempo e de todas as latitudes; paradigma do sofrimento e da depressão em que tantas mergulham ao ver seus filhos perdidos nos antros do vício ou sem ter que colocar na mesa e no prato.

Mãe dos pobres e das dores da Humanidade; que não deixa cair os braços e, de olhos no Filho, confia e ajuda a confiar: cinco pães e dois peixes — o milagre da multiplicação do pão e do Amor.

Mãe da Confiança que diante do «vazio» da vida e das «talhas» manda esperar pelo Vinho Novo, num veemente apelo; normativo para todos os anos e idades da vida em que a incerteza pareça espreitar e tomar conta: «Fazei tudo o que Ele vos disser». □

MOÇAMBIQUE

Félix Luís

O ano iniciou com muito calor. Durante os meses de Outubro e Novembro tivemos muita chuva e com muita alegria lançamos a semente à terra, mas em Dezembro, e até hoje, o tempo mudou e toda a cultura está estragada. Que Deus nos oiça!

Depois de uns dias fora de Casa a ver uma nossa realidade lá fora, estamos todos de volta à nossa verdadeira família. Para todos nós é bom sairmos um pouco, mas o nosso ambiente familiar faz-nos muita falta.

No início de cada ano há sempre mudanças, são os manos mais

crescidos que saem para cursos profissionalizantes, universidades, trabalho, enfim início de uma nova etapa. Alguns estiveram, durante os primeiros dias, a estudar muito para concorrerem a vagas nos institutos e universidades.

Esperamos ansiosamente o resultado.

Este ano temos recebido muitos pedidos, a situação não está fácil. Avaliar caso a caso e dar prioridade é quase impossível, pois de dia para dia mais crianças perdem os seus pais ficando muitas vezes na responsabilidade do irmãozinho e da irmãzinha de 14 anos.

O mano Feliz Sexta-Feira foi ao infantiário 1º de Maio buscar quatro manos que estavam à espera há 3 anos. Foi uma alegria grande pois ele também veio do mesmo infantiário com 8 anos e os dois manos eram bebés quando ele veio para a Casa do Gaiato.

Os manos que vieram de férias dos Institutos e Universidade não tiveram mãos a medir nestes dias em que estivemos fora, de tudo fizeram para que a nossa Casa fosse bem cuidada. Trabalharam de guarda, até cozinha, pois estão cientes de que nas férias devem contribuir para o bom funcionamento da nossa Casa. □



Rapazes novos da Casa do Gaiato de Moçambique

PAÇO DE SOUSA

BICICLETAS — Este ano, mais uma vez, os nossos Rapazes começaram a ter, todos os Domingos, bicicletas para poderem dar uma volta pela nossa Aldeia (Casa do Gaiato). Todos se divertem durante mais ou menos duas horas. São momentos muito alegres.

HORTA — Mais uma vez, a nossa horta este ano está recheada de produtos hortícolas. Lá produzimos couves, agriões, nabos, espinafres, e outros produtos. Na nossa estufa temos sementeiras de alfaces, cebolo, etc., e no campo temos cebolo, favas e ervilhas, entre outras coisas, que depois serão para o nosso consumo.

MÚSICA — Nós começámos neste mês as nossas aulas de música. Foi com muita alegria quando os nossos Rapazes souberam que já havia professor para nos ensinar a teoria musical e, mais tarde, aprendermos a tocar instrumentos ao nosso gosto. As aulas têm sido muito alegres, gostamos de ter cá o professor.

Bruno Alexandre

DESPORTO — Os nossos Rapazes deslocaram-se a casa do Atlético Clube da Croca (Penafiel), da A. F. Porto, onde fomos muito bem recebidos, como sempre acontece. Como tudo na vida, só faz falta quem está. Somos poucos, mas mais vale poucos e bons de que muitos e... não te rales, deixa andar... sim, sim... e verifica-se que, afinal, gostar do Grupo Desportivo não é fácil... é preciso coragem, força de vontade, espírito de sacrifício e muita, muita humildade, o que cada vez é mais difícil, muito por causa do comodismo e de nada faltar quando se estalam os dedos.

Foi um jogo normal, onde tudo correu lindamente. Os nossos Rapazes queriam vencer e quando eles querem e se empenham na missão para que foram designados, as coisas não falham.

Joaninha estava em dia sim; só por sua conta e risco foram três e Nelson um. Quem voltou a falhar de baliza aberta, até o Manelinho o marcava, foi o Erickson. Quem muito fala, pouco acerta, é o que acontece quando se está mais preocupado com

o dos outros do que com o nosso trabalho. Mesmo assim, Atlético Clube da Croca 0-Casa do Gaiato 4, resultado final.

Todos estiveram bem durante todo o jogo mas, há sempre um ou outro que sobressai, desta vez, e já não é a primeira vez, Nelson, foi o mais forte dentro das quatro linhas. Quem também trabalhou e fez tudo que estava ao seu alcance, durante o tempo que jogou, foi o Ruben — muito trabalhou e no balneário... muito falou!

Depois de tudo arrumado, subimos à sala de convívio e, lá, a respectiva merenda para os nossos atletas, bem como para os do Croca. O presidente, senhor Ferreira, e o senhor Sérgio voltaram a ser impecáveis. Segundo o presidente: «para mim, não há diferença entre os nossos Rapazes e os da Casa do Gaiato» — e é verdade!

Entramos em 2013, no topo da classificação a pensar que este ano, temos que ter pela frente a briosa equipa da nossa Casa do Gaiato de Setúbal. Comecem a pensar seriamente nesse *derby*, Rapazes!

Alberto («Resende»)

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

OUTRA VEZ A QUESTÃO DO DINHEIRO E DAS COISAS — Voltamos, de propósito, ao tema da última crónica, ou seja, o de, mesmo entre Vicentinos, haver quem se comporte como se já não houvesse grande coisa para fazer com os pobres se não houver dinheiro, ou outras coisas para distribuir.

Sem menosprezar a necessidade de ajudarmos os pobres no plano mate-

rial no que pudermos, até à medida das suas necessidades neste domínio, desde o gesto fundador de Ozanam, nunca esteve aqui o essencial da acção vicentina. Há um mar imenso de acção vicentina possível e necessária que não passa por redistribuir dinheiro e coisas. Este tipo de acção vicentina sempre foi preciso, continua a sê-lo e até poderá sê-lo cada vez mais.

Por hoje, ficamo-nos por aqui. Chega-nos para reforçarmos a importância central desta questão na acção vicentina.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa,
A/C Jornal O Gaiato,
4560-373 Paço de Sousa.
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt
Telem.: 965464058 □

VINDE VER!

Padre Quim

Fogo de artifício

FOI uma experiência nova para os Rapazes que, curiosamente, apreciaram a montagem do cenário onde havíamos de passar do velho ao novo ano. O local foi escolhido; desta vez, mesmo no centro da Aldeia, na parte frontal ao cruzeiro acendemos uma fogueira e, à sua volta, cânticos e danças à maneira dos Rapazes. Não faltou a exibição dos nossos talentosos grupos musicais. Em tempos idos, os mais velhos costumavam, nas grandes ocasiões, reunirem-se à volta da fogueira para instruir os mais novos, ou para festejar algum acontecimento comunitário. Nas sociedades que se dizem modernas, foram criadas discotecas e salões de festas, onde raramente se transmitem valores, mas a sua deturpação e alienação, numa orquestra escandalosa que se pode denominar como exterminadora do tecido moral.

Com quase metade do número dos Rapazes fora de Casa, por ocasião das pequenas férias pós-natalícias, concentramos a nossa maior atenção, como sempre, nos mais pequeninos e médios, para evitar a dispersão — mal que destrói os bons costumes e propósitos familiares, sobretudo quando ele é infectado desde tenra idade. É a raiz do egoísmo e do individualismo a que muitas vezes nos queixamos entre os membros da mesma família. Para combater este princípio mau, é necessário revestirmo-nos de coragem e do antídoto conveniente que se

chama união — ou, ainda mais, comunhão. A actualização da renovação da vida comunitária dá-se quando os seus membros vivem em comunhão constante. E se as famílias degradadas da nossa sociedade tivessem descoberto este segredo? Com maior realismo nos aproximaríamos da grande revolução dos nossos dias: a reconstrução da família, como única via para recompor a sociedade e os grandes males que a afligem. Regresso constante e progressivo a Nazaré.

Depois do banquete da Palavra, na Santa Eucaristia de Acção de Graças pelo ano que terminou, invocamos a bênção de Deus para o novo ano. Seguiu-se o jantar em família, saboroso e demorado. A música dos vizinhos é um convite traiçoeiro que alicia os pequeninos e, sobretudo, o grupo dos adolescentes, para a farra. O que não é nosso, é dos outros, e não nos devemos intimidar por isso, mas respeitar para podermos estimar o que é nossa pertença. Seria interessante abordá-lo à volta da fogueira. «O sentimento de pertença», «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Ninguém separe o homem da sua cultura. Esta é a nossa, a nossa maneira de ser e de estar em família. O Verbo de Deus encarnou numa determinada cultura aberta e sujeita ao aperfeiçoamento e purificação até se transformar na cultura do amor. Esforço constante do homem em busca da felicidade

dos outros e, como consequência desta, também da sua.

A nossa fogueira, do fim do ano, transmitiu-nos calor, na noite fria, luz e comunhão. Dela saíam pequenas brasas acesas, que se elevavam pela força do vento como se fossem estrelas no sentido inverso — da terra para o céu. Brasas vivas, nas quais era possível enumerar os ideais de cada homem, sonhos e perspectivas para o futuro. É o nosso fogo de artifício! Natural e verdadeiro. Feito da lenha do nosso quintal e do lume que lhe deitamos. É tudo quanto custou. Não é uma fortuna, mas um gesto de simplicidade, sem explosão. — Quando somos simples então é quando somos nós mesmos.

Esperávamos os sinais habituais vindos da cidade, a anunciarem a chegada do novo ano com o espectáculo das luzes no céu escuro, e quase não vimos nenhum, desta vez. Também já não há dinheiro para tanta pompa apesar da circunstância do momento. Os ricos estão a aprender, finalmente, a lição da austeridade, não por convicção, mas por obrigação das tempestades económicas impostas. Os rapazes correram para a avenida, e nada viram, não há foguetes no ar, regressaram ao palco do cruzeiro, ao que é nosso. Ali, sim, uma fogueira com uma parte do ano a terminar e outra, com o novo a começar. Já estamos no ano novo gritos e saudações, uma garrafa de champanhe para apagar o lume e molhar a língua dos que gritaram adeus ao passado 2012 e boas vindas ao presente 2013. Paz e prosperidade para a nossa Obra da Rua, e para o Mundo. □

MALANJE

Padre Rafael

Este é o Meu Filho amado

DEPOIS do falecimento do *tio* Manuel, despedimo-nos do ano internando no hospital o *tio* Catete, com febre tifóide e paludismo. O novo ano não começou melhor do que aquele que terminou; por isso, não vamos colocar excessiva confiança no velho ditado que diz: ano novo, vida nova.

Pouco a pouco vão terminando as férias. Durante este tempo a Aldeia esteve reduzida a 64 rapazes. Este grupo dedicou-se a garantir os serviços mínimos da Casa, trabalhando de manhã e descansando de tarde. Também procuramos melhorar as refeições e ter merenda todos os dias.

Voltaram as chuvas e, se em outros anos não chovia no mês de Janeiro, este ano não cessaram. O milho está muito bonito e tudo indica que teremos uma boa colheita. Entretanto, vamos preparando outros terrenos para semearmos batata doce, milho e feijão. Este ano, a agricultura vai ser o prato forte para todos.

Na próxima semana vamos receber novos rapazes em nossa Casa. Serão cerca de 15. Não será tarefa fácil escolhê-los, pois são muitos os que chamam à nossa porta... Este ano, voltou o nosso Mariano, que conseguiu escapar-se por 15 dias para estar connosco. Na verdade, de cada vez que volta, fica mais tempo. Esperamos que os gestos de afecto o façam ficar definitivamente.

Outros partiram, como o Hernani e o Quinito, para Luanda, com a intenção de continuar os estudos na Universidade. Aparentemente vão-se apresentar para estudar economia e gestão. Outro, como o Paulo, supomos que entrará no mercado de trabalho. Outros, mais desafortunados, tomaram a decisão de abandonar os estudos e ir trabalhar.

Cada Gaiato é um projecto de vida onde, ele mesmo, é o verdadeiro protagonista. Nós, como família, tudo fazemos para apoiá-lo em todas as suas decisões, esforçando-nos para que dê o melhor de si, recordando-lhe, a todo o momento, que o nosso objectivo é fazer dele um Homem com maiúsculas. É um orgulho para nós encontrarmos um Gaiato que se fez homem com amor à verdade, trabalha para a justiça, é solidário com os que sofrem, respeita todos e vive do seu trabalho...

Ser-se engenheiro, pedreiro, agricultor, licenciado... é apenas um modo de se ganhar a vida. Mas nunca deve esquecer-se que é nosso filho e que somos a sua família. Não podemos negar, diante da sociedade, que alguns não alcançam este objectivo e outros, pelo contrário, terminam destruindo a sua vida. Também esses são nossos filhos, mesmo que nos seja quase impossível ajudá-los. Tal como naquele dizer: «faz mais ruído uma árvore que cai do que cem que estão a crescer»; eu acrescento — quanto dói, quando uma dessas árvores é do teu jardim! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Nas nossas andanças pelos bairros marginais encontramos pessoas de todos os graus de dignidade: os pobres com espírito de pobreza, lutam pela vida, são asseados, contentam-se com o que lhes é dado e agradecem. Os pobres com a mentalidade de rico, estes são gananciosos, egoístas querem tudo só para si, não se importam com os outros e, para eles, sou sempre injusto porque *só dou àqueles que não precisam*. E quantas vezes sou maltratado e ameaçado por não ceder ao que eles exigem. Com estes tenho perdido a paciência e feito figuras tristes. Há, ainda, os vencidos pela miséria — muitos nem dão pela profundidade da sua desdita. Desarrumados, sujeitos, preguiçosos, acomodados, desordeiros. Encostam-se, encostam-se e não fazem nada pela vida, vivem normalmente em desordem imoral arrepiante. São os que mais me fazem sofrer. Se pudesse viveria só para estes.

Fomos então visitar a tal família e ver a casa. Passamos pela senhora parálitica e levamos muitos mimos em comida e conforto, pois ficava a caminho.

Era Domingo, dia de glorificar o Senhor e estas acções são fundamentais para saborearmos a Sua Glória!

Correspondeu inteiramente às minhas expectativas. O marido não estava, mas a mãe e os filhos fizeram-nos uma alegre recepção: «*Olhe que esfreguei as paredes com lixívia por que estavam horríveis*», explodia a mãe de olhos cheios, esfuziando de alegria! Levar-lhe-emos um fogão novo que alguém me deu, pelo Natal.

No bairro soube-se da minha presença. Escondo-me, normalmente, quando posso. Levámos um carro de quinze anos, em bom estado, que me deram, há dias, para disfarçar, mas nem assim. É uma multidão à minha volta: «*Venha ver a minha casinha, olhe que não tenho nada*».

Fui a mais duas, que o tempo é curto e não sei parar o sol. A primeira queria um fogão, que nem ela nem ele trabalham. O companheiro, com trinta e cinco anos, nunca trabalhou! A gente fica abismada! Como é possível? Um homem saudável com 35 anos nunca trabalhou?!

Despedi-me secamente e ao chegar à rua logo outra ainda jovem: «*Olhe que tenho quatro filhos, um*

doente (e que doença meu Deus!) *ando em três hospitais em Lisboa*».

O sol já se punha mas não resisti. Subimos ao terceiro andar lentamente, que as pernas não ajudam, e vimos: são seis pessoas e, em casa, têm três cadeiras. Não há mesa. Numa minúscula secretária, que serve também para a menina mais velha fazer os trabalhos de casa e estudar, estava um aparelho televisivo.

— *A gente tira a televisão, ela senta-se e faz ali os deveres da escola* —, explica a mãe, apontando.

Tinha um fogão, mas desde o Natal que o gás se acabara. A menina festejava, nesse dia, o seu décimo aniversário. Não tinha nada com que arranjar qualquer comida.

Perante estes espectáculos de penúria fico sempre perturbado!

Havia duas garrafas de gás vazias, uma cor de laranja e outra verde. Levamos a alaranjada e o homem connosco, em busca de um estabelecimento que vendesse aquele combustível. Corremos a cidade e encontramos, finalmente. Um dos Rapazes foi então ao hipermercado próximo comprar um bolo para a menina e, enquanto

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Continuação da página 1

um engano. Existir, existia, mas troca de informações, fez chegar mais depressa aqui a notícia do que à nossa conta. Veio uma ajuda muito valiosa e escondida dum Associação de Lisboa, logo no primeiro alarme. Vieram ajudas de Paço de Sousa e de alguns pontos de Portugal. Daqui vieram ajudas em alimentação de primeira necessidade, pintos e rações, galinhas poedeiras e coelhos, roupa e brinquedos. Muitos alimentos que rodam para este ano. Até sessenta carteiras escolares. Uma pessoa do Quénia quis fazer uma doação a uma instituição de crianças. Indicaram-lhe a nossa. Rodou mais de quatro horas para dar connosco. Deixou-nos o que trouxe e o recado de irmos buscar o seu BMW que lhe tinham estragado por fora e por dentro. Com o desgosto, quis desfazer-se dele. Quase chegou para ao fim do ano termos saldado quase todas as dívidas, mas mais está para chegar da Festa de Natal, promovida na Fortaleza pelo Consulado de Portugal.

O saldo negativo mais penoso é a cirurgia que a Irmã teve de fazer, no momento mais crítico da subida ao Calvário desta Casa, mas já aliviada da Cruz que carregou, anda de muletas e está a fazer uma recuperação fisioterápica intensiva.

Aos primeiros dias do ano, podíamos respirar de alívio, levantar as mãos ao Céu e agradecer de joelhos a Deus que nunca abandona os seus filhos e distribuiu abundantes graças por aqueles que foram o Seu coração misericordioso que consolou o nosso, a manifestar-se até àqueles que não andam com Ele. □

esperava, fui conversando com aquele jovem, de trinta anos, pai de quatro filhos! Afinal, ele não sabe ler... nem escrever!... Será possível com esta idade um homem que nunca andou na escola?!

— *Aprenda agora. Há escolas para adultos; e mais, com a sua filha no quarto ano, pode muito*

bem praticar. Ela ensinará o pai a ler.

A noite caía densamente e eu já não subi as escadas. Fiquei no carro enquanto os Rapazes acompanharam o homem, de bilha às costas, escadas acima, que o meu coração já se encontrava em Casa, onde os Rapazes me aguardavam. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

A Graça dos Humildes

UM veio de água corrente que percorre a Escritura é o amor de Deus pela criatura humana, em especial a opção pelos pobres, os humildes da terra.

A Fé não é ópio de ninguém; mas, sem obras é estéril. No encontro com os pequenos e os últimos, manifesta-se a *autêntica religião*. Quem poderá ser *amigo de Deus*, como Abraão, se não for amigo dos pobres, dos débeis?

As carências de condições básicas de vida têm-se agravado, em face da conjuntura actual. Pode acontecer que os incautos se deixem contagiar pelos falsos valores e cantos de sereias. Mais, podem-se enrolar em *solidariorcracias*.

Muita gente anda preocupada com as situações crescentes de pobreza; e tantas pessoas a sofrem na pele. Tem-se sublinhado que a miséria social se vai estendendo à dita *classe média*, como mancha de óleo.

Em áreas como a saúde, os mais pobres não podem ser relegados para as margens. Também é pena que se percam as saudáveis relações de vizinhança; o que se

agrava em comunidades mais urbanas e massificadas, conduzindo à miséria anónima.

De Coimbra, uma velhinha temente a Deus, segredou-nos: — *Venha visitar-me. Vivo só e mal posso andar. Traga-me umas couvinhas!* É junto de pessoas assim, com elas e ao seu lado, que o Mestre nos dá lições de humildade e coragem. O Padre Américo *antecipou-se ao Vaticano II*, tomando como modelo *Jesus Cristo servo e pobre*, no dizer de D. António Marcelino.

A Igreja nasceu do Pobre de Nazaré, que anunciou o Reino de Deus. Noutro tempo, terá perdido a classe operária... Quem a serve não se pode perder dos pobres e abandonados. A fidelidade ao Evangelho convida-nos ao encontro deles para a nossa conversão.

Têm-nos sinalizado vários casos de menores em risco. Agudiza-se a delinquência juvenil. Contudo, pasmamos que se humilhe a gratuidade cristã, só porque não entra na calha estatizante. Eis que nos saltou aos olhos esta parangona: *Comis-*

sões de Protecção de Crianças e Jovens a colapsar com a falta de recursos. Todos são poucos para enfrentar os desafios difíceis, do nosso tempo. Porém, parece que a promoção social terá de passar pelo exclusivo de burocratas, atolados em papéis.

Se um irmão ou irmã não tem alimento, vestuário... temos de lhe dar agora o que é de justiça. Não faltam ocasiões e opiniões e razões. *Ouve, Senhor, o grito dos humildes; atende-os e conforta-os no seu coração. Faz justiça aos órfãos e oprimidos*.

De uma mãe, em bairro degradado, escutamos este grito: — *Olhe a minha menina, que sofre do coração. E ajude-me a tratar do documento*. Outro clamor, ainda: — *Não tenho comida. Quando vem?... Não nos podemos, pois, instalar. É junto dos pobres e com eles que se podem operar as mudanças*.

Assim, sob bateladas de água, aquela Margarida recebeu-nos e rejubilou com um açafate de couves para pôr na trempe e saborear um rico caldinho. Enquanto deixámos o seu cantinho, escutámos amiúde: *Graças e louvores se dêem a todo o momento... Os cibinhos multiplicam-se desta forma, pois estas paixões são uma marca dos discípulos de Jesus. Deus dá a Sua Graça aos humildes!* □

SETÚBAL

Padre Acílio

OLuíis veio pedir para ir comigo aos Pobres. Não sei se já teria no pensamento outra súplica que no bairro me fez, mas deslumbra-me sempre uma petição destas e não resisto! — *Podes!*

Em Casa não nos atrevemos a dar aos nossos rapazes lições tão eloquentes e eficazes como as que eles colhem, connosco, na visita aos Pobres. Ali, eles vêem, eles sentem, eles choram comigo, eles arrependem-se.

A vida que a Casa do Gaiato lhes proporciona, resplandece confrontada com aquela que outros, da sua igualha, são obrigados a viver!

Comigo, à sua medida, na visita aos Pobres, dão glória a Deus, fortalecem a Fé e vêem a Caridade.

Depois das duas primeiras visitas, encosta-se ao meu ombro e dispa para baixinho ao meu ouvido, a sua ansiedade: — *Posso ir ver a minha mãe que mora ali?*

Que havia eu de responder? Se visitar os Pobres é uma obra de Caridade, quanto mais não será visitar a mãe, que também é pobre!

— *Quando for assim falas-me, lá, em Casa, e trazemos também um avio para ela*.

Como nos demoramos muito, ele gozou a companhia da mãe por mais tempo.

OLuísa Todi foi durante décadas, cedido gratuitamente a esta Casa do Gaiato para a nossa festa anual e o nosso encontro com, o que o Padre Carlos chamava, **a família de fora** — os nossos Amigos.

A Festa dos Gaiatos no cine-teatro e, mais tarde, fórum Luísa Todi enchia a sala. Esperamos voltar lá, agora que ele foi renovado.

Eu queria falar de um belíssimo musical que as forças culturais do Concelho prepararam e exibiram durante cinco sessões, naquele palco, há poucos dias. Um magnífico testemunho de união de forças para homenagear esta figura setubalense do canto e da música, mundialmente conhecida e também ignorada por muitos conterrâneos.

Pôr em cena a vida atribulada e gloriosa de Luísa Todi, com a frescura do seu tempo e os horrores da sua época, e fazê-lo em beleza artística de diálogo, declamação e dança, foi um trabalho que revela talento, sensibilidade e amor a Setúbal.

Quantas iniciativas deste género, e com mais divulgação, se tornam necessárias para fazer da Cidade uma manta social perfeita, ela que se transformou em tantos retalhos.

O espectáculo revelou-me esta necessidade, mas não foi ele que me atraiu. Fascinou-me, sim, a presença destacada de um bailarino que é rapaz desta casa — o Ivanoel.

OLúis Columbano, aluno da Escola Dom Manuel Martins no décimo-segundo ano, foi premiado pela Escola, com um passeio de estudo a Itália. Visitará Roma, o Vaticano e encontrar-se-á com jovens de outras nacionalidades europeias em Tarento, onde terá de fazer trabalho da sua especialidade.

Conforta-nos que, entre centenas, tenha sido escolhido uma dúzia e que um seja da Casa do Gaiato.

OLvasco veio pedir dinheiro. Tem que apresentar na Escola um trabalho para ser classificado e arranjar um estágio. Frequenta a Escola Profissional e pretende construir, em miniatura, uma casa com autonomia energética.

Naturalmente que o incitei a levar por diante o projecto. É mais um argumento para analisarmos o domínio dos grandes sobre os pequenos, tendo em conta as fontes de energia. Se o sol é um filão inesgotável deste bem e ele nasce para todos, como podem, os grandes deste mundo, controlar a procedência energética em seu proveito?!

Há regras. Há leis, tudo está controlado para que os grandes dominem.

AS nossas oficinas estão a passar por um mau bocado: — falta de trabalho.

Por dívidas de clientes que levaram as encomendas e não pagaram, não foi possível, ainda, satisfazer os subsídios de Natal à maior parte dos mestres e trabalhadores. Situação que muito me amargura.

O mestre serralheiro insiste comigo: — *Ponha lá no Jornal que a gente repara todo o género de electrodomésticos, fogões, frigoríficos, esquentadores, máquinas de lavar loiça e roupa, etc...*

Ponho, sim senhor. Já está. Posso garantir a eficácia das reparações que o Joaquim é competente e consciencioso. □

BENGUELA

Padre Manuel António

O caminho da felicidade é o amor verdadeiro

COMEÇO pelo testemunho dum coração feliz. Sente-se realizado, na medida do seu amor. A nossa vocação não é outra. O caminho da nossa felicidade é o amor verdadeiro. A partilha do que temos e somos, em especial com os mais necessitados, faz crescer a nossa humanidade. Quem dera este princípio entrasse na história de cada um de nós! É a vida dum mundo novo. Uma carta muito amiga, recebida há dias, inspirou o início destas notas: «*Só há pouco tempo me apercebi que a Casa do Gaiato de Benguela não está a beneficiar de ajudas regulares do Estado. Por este motivo, mais me julgo na obrigação de contribuir para a obra de formação, em todos os níveis, que estão a desenvolver entre os jovens de Benguela. É, pois, com muito gosto que envio um cheque de quatrocentos euros para a Casa do Gaiato de Benguela*». É o nosso bom amigo Alberto Barata que fala. A Casa do Gaiato não acolhe, apenas, os filhos abandonados de Benguela. Vêm doutras partes de Angola, também. E continuam a bater à nossa porta, em número muito elevado. Por enquanto, a resposta é uma palavra de esperança. A Casa está cheia. A saída dos mais velhos para a sua autonomia é a solução deste problema. Quem dera não demore! O meu coração ficaria aliviado e cheio de alegria

com a entrada de novos filhos, vindos do abandono.

É verdade. A Casa do Gaiato vive, sobretudo, das ajudas do Povo. A nossa Casa do Gaiato de Benguela não poderia sobreviver, até este momento, sem o coração do Povo de Portugal. Que nunca nos falte esta ajuda! Doutrou modo, ficaríamos prostrados. Nem sequer, nesta hora, temos as migalhinhas que, habitualmente, vinham dalgumas áreas da nossa vida. A Esperança é a rocha sobre a qual queremos assentar a nossa vida. Por isso, estendemos as nossas mãos para agarrar as vossas.

Neste tempo de férias escolares, com o fim do ano lectivo, foi possível o gozo dum semana de praia numa casa emprestada. É o tempo de Verão, nestas paragens. Os vinte rapazes mais pequeninos foram os primeiros e regressaram ontem. Estiveram acompanhados pela Teresa, a mãe que lhes dedica todo o amor do seu coração. Hoje, irão outros vinte, acompanhados pelo nosso Padre Quim. São por menores dum vida familiar, com o ambiente favorável à preparação destes filhos para a vida de cidadãos normais da sociedade.

Continua muito viva a chaga social do abandono dos filhos da parte dos pais. Há dias, encontrei uma rapariga com 26 anos. A conversa, nestas circunstâncias, vai

para a situação familiar. É mãe de duas filhas. O pai abandonou-as. As principais vítimas destas situações são os filhos. Vítimas inocentes, marcadas para toda a sua vida! Há necessidade urgente da intervenção das forças vivas da sociedade civil.

A Igreja tem um papel insubstituível, preventivo, no campo da formação. O perigo maior está na consideração desse mal como um facto normal. E não é. O ambiente natural da criação e educação dos filhos é a família. Os filhos têm o direito humano, natural, de crescerem debaixo do olhar cheio de amor dos pais e do carinho único das mães. Quem nos dera fazer tudo o que pudermos para compensar esta falta social tão grave! Pai Américo, ao fundar a Obra da Rua, da qual as Casas do Gaiato são um ramo para cobrir os filhos da rua, propôs o padrão familiar como pedra base do projecto educativo. Já naquele tempo, o problema da criação da rua era um problema de raiz familiar. O mal continua a agravar-se. Sabemo-lo, pela experiência da abundância de pedidos para acolhermos estes filhos, em nossa Casa.

Confiamos em vós. Necessitamos muito da vossa ajuda material para o cumprimento desta missão que nos foi confiada, em vosso nome, também! □

Casa DINA – Porto

Por gentileza dos seus responsáveis e colaboradores, aqui os nossos Amigos continuam a ser recebidos com especial amizade, e a confiar-nos as suas ofertas.

Localizada na rua dos Mártires da Liberdade, n.º 30, na cidade do Porto, também ali poderão encontrar os livros da nossa Editorial, bem como pôr a assinatura d'O GAIATO em dia.

A todos os que lá nos procuram e aos seus responsáveis a nossa gratidão e amizade.

Padre Júlio